

# A Rural

★ REVISTA DA SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA ★

Redação e Administração:  
RUA FORMOSA, 367 - 19.º - C. POSTAL, 7187  
FONE: 37-8191 (Ramal 9)  
End. Tel.: "Ruralbrasileira"  
S. PAULO — BRASIL

Publicação Mensal  
Fundada em Abril de 1920  
Diretor  
ANTONIO DE QUEIRÓS TELLES

ANO XXXVI - N.º 425  
SETEMBRO — 1956

## Regime Cambial e o Café

ANTONIO DE QUEIRÓS TELLES

O que estamos presenciando em relação à política financeira do país neste novo governo não é auspicioso. Oriundo de uma propaganda eleitoral ultra demagógica e com retumbantes manifestações de realgar no curto espaço de cinco anos o que representaria um progresso de cinquenta anos, juntando-se a isso uma avidêz e ambição pelo poder como jamais se verificou em nossa pátria, o atual governo, nos meses decorridos de sua investidura, tem sido no setôr financeiro uma negação de atividades, causando as mais pesadas comoções às classes produtoras do país.

Consideremos, de início, que, no curto espaço de poder dos atuais governantes já foram emitidos seis bilhões de cruzeiros! Pelo prazo parece que bateram o «record» das emissões até o momento conhecidas no Brasil.

Como se está verificando, não tem o presente governo capacidade para dominar a inflação que infelicita e encreace cada dia mais a vida da Nação. Em vista, portanto, do agravamento constante dos meios da subsistência, influido na elevação do custo da nossa produção, pensamos ser premente o impreterível a necessidade de se tratar da modificação cambial. Do contrário estamos a pique de perder a possibilidade de exportação de grande parte do próprio café, que se tornará «gravoso».

Os compromissos financeiros assumidos pelos nossos governantes podem ser e são de fato respeitáveis. Mas, muito mais o são a vida e a economia da população que não podem ficar a mercê e serem sacrificadas por uma política desenvolvida por quem não tem a necessária força e autoridade para se impôr ao país. O dilema é este: ou o Brasil domina a inflação ou submerge na onda da elevação dos preços, como estarrecidos estamos presenciando.

Nos últimos dez anos tivemos uma elevação do custo da vida calculada em 60%. Nestes últimos tempos a febre dos altos preços vem se desenvolvendo «pari-passu» às emissões, adicionada por outro lado do aumento de taxas e impostos e mais do salário mínimo, que tornam a situação do povo quase insustentável.

Por outro lado, querendo usar dois pesos e duas medidas, segundo seu arbítrio, os governantes não se mostram dispostos a atender às justas solicitações para elevação de preços de produtos agro-pecuários, como é o caso notório do leite, que não mais suporta o atual aumento do custo de produção causado pelo próprio poder público.

Diante dessa situação é que nos aproximamos do café.

O governo, pelos tabelamentos aos produtos rurais demonstra querer que se produza barato. No entanto, por outro lado, sustenta e prossegue na política financeira de elevação cada vez maior do custo da vida persistindo em suas causas e não oferecendo meios para o aumento da produção.

É em vista, portanto, desta situação que a modificação cambial se impõe.

No Estado de S. Paulo, nas atuais condições, apenas uma parte da lavoura cafeeira estará em situação de suportar as últimas majorações do custo da vida. Calcula-se que, pelo custeio em vigor só se salvarão os cafeicultores que produzam mais de quarenta arrobas por mil pés.

A excepcional posição estatística do produto, neste ano, com uma das menores safras do Brasil, torna menos perigosa a operação cambial, pelo fato de apresentar menor influência no que se refere à possibilidade de baixa dos preços ouro.

A ocasião parece-nos, pois, oportuna e esperemos que os nossos dirigentes nos acompanhem nesse ponto de vista.

Realizando uma reforma cambial bem elaborada extinguiremos a côorte de irregularidades, ardis e fraudes que estamos presenciando na exportação dos nossos produtos.

O momento é para medidas drásticas e para pôr à prova os nossos estadistas. É a ocasião própria para conhecermos se o Brasil possui governos decididos a manter orçamentos equilibrados, a extinguir despesas sumptuárias, a não aumentar a burocracia, a não movimentar salários, taxas e impostos, a evitar a criação de autarquias bem como a suspensão de outras e a fomentar, de verdade, a produção do país com incentivos ao uso da terra com facilidades de crédito, transporte e fertilizantes, que em suma oferecem as bases para a estabilização da vida entre nós e os meios naturais de exportarmos o que produzimos.

Precisamos adaptar o país às suas reais posses, acabando com o artificialismo da nossa situação que engendra males e desproporções nos proventos de alguns, em detrimento da maioria da população.

Com relação ao café, parece-nos que souo a hora da modificação cambial que agora precisa ser realizada.

Nesse sentido dirigimos um ardente apêlo aos nossos governantes.